



CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)



TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista

BOLSISTA: Yasmin de Araújo Pascoal

Resenha crítica: “A Menina que Roubava Livros”

"A Menina que Roubava Livros" é uma produção de 2013, dirigida por Brian Percival, conhecido por seu trabalho nas séries de televisão britânicas *Downton Abbey* e *North & South*, e baseada no aclamado romance homônimo de Markus Zusak. O filme, do gênero drama histórico, possui 2 horas e 11 minutos de duração e foi amplamente elogiado, especialmente pela atuação de Sophie Nélisse como Liesel. A produção também se destacou em premiações, sendo reconhecida pela sensibilidade com que aborda temas como amizade, resiliência e o impacto dos livros em tempos de guerra.

Ambientada na Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial, a trama retrata a vida de Liesel Meminger, uma jovem enviada para viver com pais adotivos, Hans e Rosa Hubermann, após ser separada de sua mãe. Ao longo da narrativa, Liesel descobre o poder transformador dos livros e começa a roubá-los, dividindo-os especialmente com Max, um judeu escondido em seu porão. Através dessas leituras, ela encontra um escape emocional e uma maneira de enfrentar as dificuldades da guerra. A atuação de Sophie Nélisse, comovente e expressiva, é um dos destaques do filme. Ao lado dela, Geoffrey Rush e Emily Watson, interpretando Hans e Rosa Hubermann, trazem ao longa uma carga emocional intensa: Rush exhibe ternura e bondade em meio à brutalidade do contexto, enquanto Watson retrata a dureza da personagem Rosa, que gradualmente revela seu afeto por Liesel. A fotografia, com tons sombrios e frios, intensifica a atmosfera da Alemanha devastada pela guerra, enquanto a trilha sonora de John Williams adiciona uma camada de melancolia e beleza, potencializando as emoções da história.

Ainda que o filme tenha qualidades marcantes, apresenta também algumas limitações na adaptação. Algumas escolhas suavizam a complexidade e o peso de certos temas presentes no livro. A figura da Morte, que no romance serve de

narradora e traz reflexões filosóficas sobre o sofrimento humano, no filme se torna uma presença menos impactante, o que pode diminuir o efeito dramático para aqueles que não conhecem o livro. Além disso, a adaptação evita representar a brutalidade total do regime nazista, tornando a narrativa mais acessível para o público jovem, mas menos fiel ao tom cru do livro. Ao reduzir o peso do antissemitismo e da violência do regime nazista, o filme falha em capturar a profundidade emocional e a gravidade do momento histórico. Em vez de apresentar um retrato sincero e perturbador da vida na Alemanha nazista, a obra oferece uma visão idealizada e, em certos momentos, romântica, onde as tensões políticas e os horrores reais da época são abordados de forma branda e até estéril. Isso representa uma perda significativa da potência narrativa, especialmente em uma história destinada a um público jovem, que poderia se beneficiar de uma abordagem mais honesta e educativa.

Em resumo, *A Menina que Roubava Livros* atinge parcialmente sua função de sensibilizar o público sobre a importância da leitura em tempos de crise, mas sem explorar a fundo as implicações históricas da trama. Ainda assim, a obra dissemina mensagens sobre o valor da amizade e do conhecimento como formas de resistência, expondo como a leitura oferece a Liesel um meio de enfrentar perdas e encontrar esperança, mesmo em um ambiente desolador. Com uma direção cuidadosa e atuações envolventes, a adaptação permite que o espectador entre no universo de Liesel e compreenda o valor dos livros como refúgio em tempos de escuridão.